

DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# As madurezas do Augusto

Por JOAQUIM VIEIRA de CARVALHO

**Q**UEM olhasse para aquelas bochechas, ao cimo das quais brilhavam uns olhos de grandes pupilas cõr de azeitona bem curtida e entre os quais se destacava uma boquita de lábios carnudos, e vermelhos, descaída aos cantos, diria logo: «— Por êste, não virá mal ao mundo» ou, então: «êste não inventou a pólvora». De facto, era o pobre Augustito quem pagava as favas, quando aparecia alguma coisa mal feita, porque seus irmãos, três ladinos rapazes mais velhos do que êle, viam-no, sempre, tão passivo e condescendente em

carregar com as culpas alheias, que já não faziam cerimõnia. Um dia, o caso foi mais grave. Desapa-

receu certa quantia de sôbre a mesa, que a criada affirmou ter ali colocado.

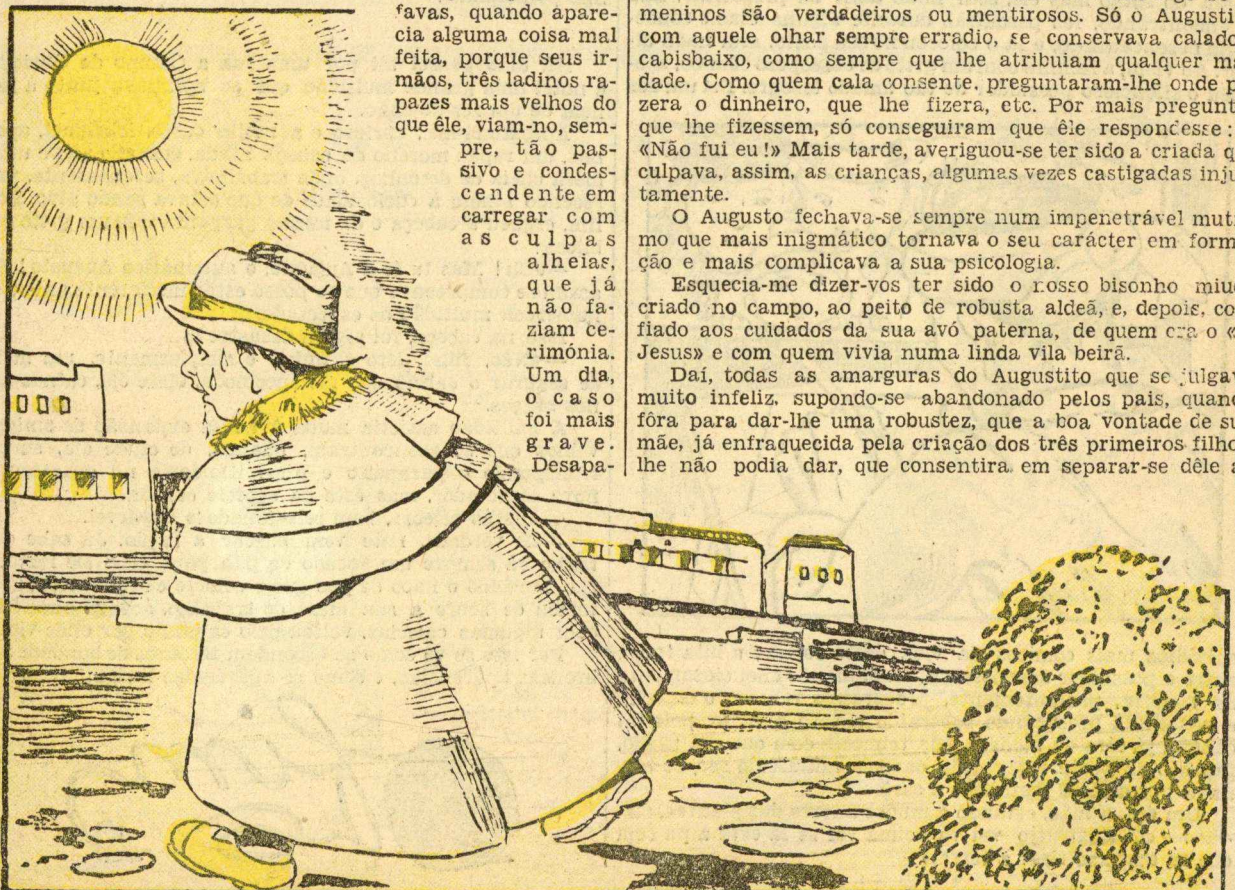
Inquiriu-se dos quatro petizes. Os três mais velhos, protestaram energicamente, afirmando a sua inocência, com os olhos bem abertos para que sua mãe visse bem que nesses espelhos da alma não havia pintas...

Não sei se os meninos sabem que, quando se mente, se formam umas pintas nos olhos, pelas quais se percebe que estão mentindo, e, assim, muitas mamãs vêem logo se os meninos são verdadeiros ou mentirosos. Só o Augustito, com aquele olhar sempre erradio, se conservava calado e cabisbaixo, como sempre que lhe atribuíam qualquer maldade. Como quem cala consente, perguntaram-lhe onde puzera o dinheiro, que lhe fizera, etc. Por mais perguntas que lhe fizessem, só conseguiram que êle respondesse: «Não fui eu!» Mais tarde, averiguou-se ter sido a criada que culpava, assim, as crianças, algumas vezes castigadas injustamente.

O Augusto fechava-se sempre num impenetrável mutismo que mais inigmático tornava o seu carácter em formação e mais complicava a sua psicologia.

Esquecia-me dizer-vos ter sido o rosso bisonho miudo criado no campo, ao peito de robusta aldeã, e, depois, confiado aos cuidados da sua avó paterna, de quem era o «ai Jesus» e com quem vivia numa linda vila beirã.

Daí, todas as amarguras do Augustito que se julgava muito infeliz, supondo-se abandonado pelos pais, quando fôra para dar-lhe uma robustez, que a boa vontade de sua mãe, já enfraquecida pela criação dos três primeiros filhos, lhe não podia dar, que consentira em separar-se dêle ao



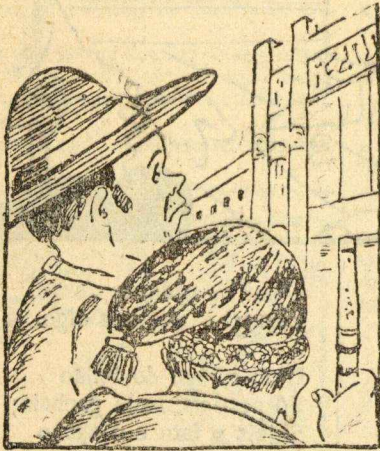


# ESPERTEZA SALOIA

Por FÉLIZ VENTURA

**C**ERTO dia, Zé Manel  
Mais o compadre Zé Brôa,  
Abalaram, de longada,  
A caminho de Lisboa.

Chegados à capital,  
Sem terem quem os guiasse  
E da tão bela cidade  
O mais belo lhes mostrasse,



Resolveram os campônios,  
Depois de muito pensar,  
Pelas ruas e avenidas  
Irem os dois passear.

Passada quási uma hora,  
Cansados de caminhar,  
Resolveram, sem demora,  
Nalgum lado descansar.

Vendo, numa taboleta,  
as letras: — *Café-Bilhar*,  
Logo o Manel e o Zé Brôa  
Combinaram lá entrar.

Mas quando a uma mesinha,  
Se achavam já instalados,  
Vem um criado e pergunta,  
Com uns modôs delicados:

— «Que desejam os senhores,  
Façam favor de dizer.»  
E sabem o que os campônios  
Acabam por responder?



O Zé Manel, quando viu  
Serem tratados, assim,  
Com tão grandes honras, disse:  
— «Quero um café para mim.»

E o Zé Brôa, todo inchado,  
Disse, assim, sem hesitar:  
— «Eu cá não quero café,  
Traga-me antes um bilhar.»

## A lição da coelhinha

Por ARLETE GUERREIRO  
(ARGENTINITA)

**D**Á licença, minha senhora?» — (preguntou, entre portas, a voz esgançada da menina Pata, a azougada criadinha da D. Coelha.)

— «Entra... — (respondeu esta, desviando do espelho, muito a seu pesar, os olhinhos vermelhos que lá estavam, presumidamente cravados, havia mais de um quarto de hora.)

A Patinha, segurando uma rica salva de prata, onde vinha um sobrescrito azul, muito grande e perfumado, entrou, tôda chibante no seu vestido preto, que um avental branco, de «organdi» e rendas, cobria galantemente.

Ao vêr o sobrescrito os olhos da senhora Coelha brilharam de satisfação e ainda mais exultou quando leu as letras muito douradinhas do cartão que se apressara a tirar do sobrescrito.

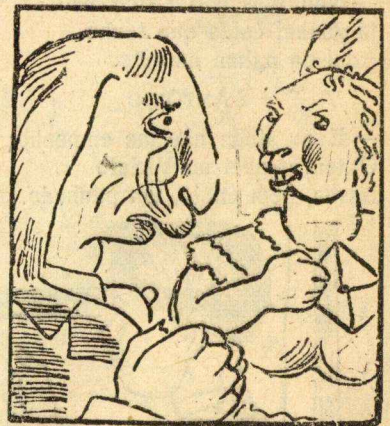
— «Marido! Marido, lê... — (gritou ela, muito entusiasmada ao senhor Coelho, que entrava nesse momento, imponente na sua farda de oficial do exército, onde brilhavam algumas condecorações a atestarem a sua bravura.)

— «Então? — (preguntou a D. Coelha, vendo que, terminada a leitura, o respeitavel focinho do esposo não exprimia o mínimo sinal de entusiasmo.)

— «Então... Que queres que te diga, filha?!»

— «O que quero que me digas? Ora essa! Parece-me que a honra que o visconde Mocho nos dá, convidando-nos para a sua festa, vale bem algumas palavras... quanto mais não seja de agradecimento!»

— «Uma festa em casa do visconde? Ora, adeus!... Simples pretexto para a exibição da vaidade de certas cabeças ôcas a começar pela dele...»



(Continua na página 7)

# O JOGO do FEIJÃO

Por JOSINO AMADO

JOSÉ

— Amigos, que andais fazendo,  
Aí, de rastos, no chão?

ANTÓNIO

— Andamo-nos entretendo...

MÁRIO

— A jogarmos o feijão.

JOSÉ

— De joelhos no terriço,  
O que fazeis, dizei lá,  
O que ganhais vós com isso?

MÁRIO

— Ora, essa não é má!  
Eu já ganhei vinte e cinco.

ANTÓNIO

— E eu já perdi trinta e três...  
Mas, deixá-lo, brinco, brinco,  
E, jogando com afinco,  
Posso ganhar outra vez.

JOSÉ

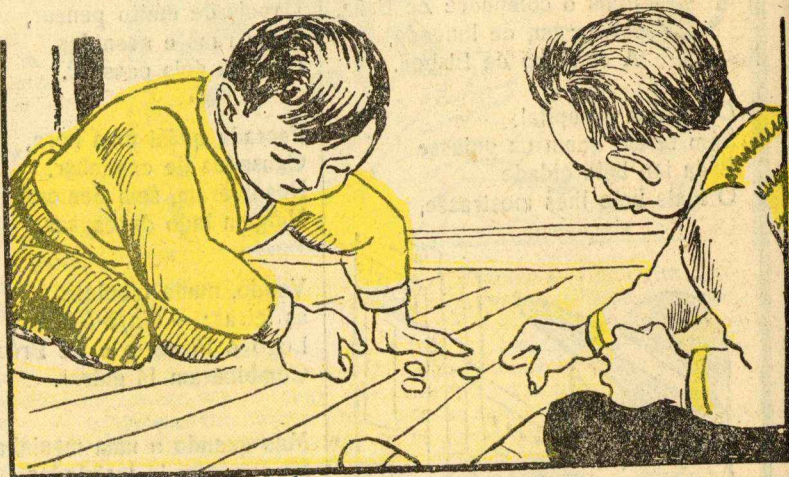
— Ao jôgo em que sois parceiros,  
Ambos perdeis, companheiros.

MÁRIO

— Não, hoje não perco, não.  
Já ganhei êstes que tenho  
Aqui na palma da mão.

ANTÓNIO

— E eu ainda não me empenho;  
Ontem ganhei ao Viriato  
Assim, bem cheio, um punhado.



JOSÉ

— O que tendes é o fato  
Todo sujo e esfarrapado.  
Bem podem as vossas mães  
Gastar sabão a lavar!...

ANTÓNIO

— E tu, santinho, que tens  
Que nos vir incomodar?!...

MÁRIO

— Fora!... fora! oh! que arrelia!  
É bem melhor que nos deixes.  
Larga a nossa freguesia,  
Vai antes prègar aos peixes!...

JOSÉ

— O mangar é côr de ganga...  
Porém, eu sou vosso amigo.

Olhai lá, nada de zanga,  
Escutai o que vos digo.

Com o jôgo do feijão  
Só perdeis, nada ganhais;  
Sujais o fato e o sabão  
É o suor dos vossos pais.

Rompeis o calçado, a roupa,  
Que custam tanto dinheiro,  
E, bem sabeis, quem não poupa,  
Nunca chega a brasileiro!

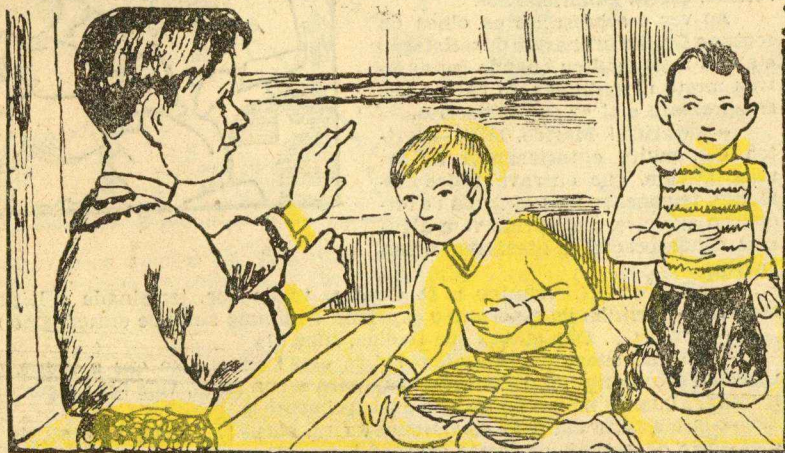
Perdeis horas, um tesouro,  
E horas mais horas são meses,  
Tempo que vale bom ouro,  
Como dizem os ingleses.

Olhai, nos feijões pegai,  
E parti já a semeá-los.  
Cavai, adubai, regai,  
Se qu'reis centuplicá-los.

E depois levai à feira  
Muito feijão a vender.  
Podereis dessa maneira  
Vir um dia a enriquecer.

MÁRIO E ANTÓNIO

— Bom conselho, bela idea!  
Vamos fazer o que dizes.  
Quem cava, lavra e semeia,  
Viverá dias felizes!!!...



■ F I M

# Cada qual para o que nasceu

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

**U**M rei para se desforrar da grande conseira e responsabilidades de governar, costumava distrair-se dando grandes passeios pelo campo. Ali, à sombra das árvores, entregava-se à leitura dos seus livros predilectos, livre de maçadas e aborrecimentos.

Certo dia afastou-se para mais longe e lembrou-se, contrariado, que se esquecera do seu livro num banco do jardim do palácio.

Precisava de alguém que lho fôsse buscar. Olhou em volta e viu, num campo fronteiro, um rapazinho que guardava um bando de gansos.

— «Olá, pequeno! — chamou ele. — Anda cá!»

— «Não posso. Vocemecê não vê que, se



eu sair daqui, os gansos safam-se! Fale-me donde está, ou venha, aqui, ter comigo.»

— «Escuta o que digo.— Gritou-lhe o rei, divertido com os moços do garoto. — Logo à entrada do jardim do palácio, está um livro, em cima dum banco. Vai buscá-lo. A porta ficou encostada. Quando voltares, dou-te uma moeda de ouro.»

O pequeno, que nunca vira o rei, o'hou-o desconfiado.

Oferecerem-lhe, assim, uma moeda de ouro por tão pouca cousa, parecia-lhe história!

— «Vocemecê está mas é a mangar comigo!»

— «Porque havia eu de mangar contigo? Fazes-me um serviço, é natural que to pague.»

— «O dinheiro não se ganha assim, com essa facilidade!... Só se vocemecê, por ser empregado lá do palácio, enche as algibeiras com pouco trabalho! Cá por mim!...»

— «Ora deixa-te de falatório, que eu tenho pressa. Vai já buscar o livro, anda! A moeda, terás a moeda prometida.»

Os olhos do pequeno brilharam mas êle não se mexeu.

— «Então, porque esperas tu?!»

— «Como hei-de eu ir, se os danados dos gansos fogem e estragam tuão, aí pelos campos? Ganho uma moeda de ouro mas o patrão despede-me depois!»

— «Se é só por isso, eu guardo-te os gansos» — replicou o rei, bonacheirão.

O garoto deu uma gargalhada.

— «Essa é boa! Vocemecê tem lá jeito!

Julga que é fácil tomar conta destes endemoninhados!... Mal eu volte costas, aposto que levantam vô! Tão certo como eu me chamar António! Estão costumados a ver-me sempre atrás deles e aquilo nem com os meus ganhos de um ano, eu posso pagar os danos que fazem! Sabe lá!... Olhe, o cinzento, que além vê, é, como quem diz, o chefe da tropa. Um mariola que só faz o que lhe apetece, tal qual os fidalgos da côrte! É êle que leva os outros para a vadiagem! Nada!... Vá antes vocemecê em busca do tal livro. Eu não arredo pé daqui!»

O rei, perdido de riso, tornou:

— «Pois podes ir descansado. Eu tomarei conta dos bichos. Sei dirigir homens... Já vêes que os teus gansos sempre serão mais fáceis de levar! Anda, despacha-te! Eu fico com os animais e os estragos, que se atreverem a fazer, eu os pagarei.»

O pequeno, então, decidiu-se e partiu, correndo.

Assim que êle desapareceu, o ganso cinzento esticou o pescôço, bateu as asas umas poucas de vezes e fez um ruído grasnido. A êste sinal, o bando inteiro, meio correndo, meio voando, com o ganso cinzento à frente, invadiu a propriedade vizinha.

Fiel à sua promessa, o rei seguiu o bando indisciplinado mas como o muro era alto e êle menos ágil que o pequeno guarda, quando passou para o outro lado, já os gansos estavam na propriedade contígua.

Aos berros, quiz juntá-los. Debalde! Cada vez corriam mais depressa!

Farto de correr e de gritar, o rei desistiu daquela perseguição e sentou-se, murmurando:

— «O garoto, afinal, tinha razão! Os

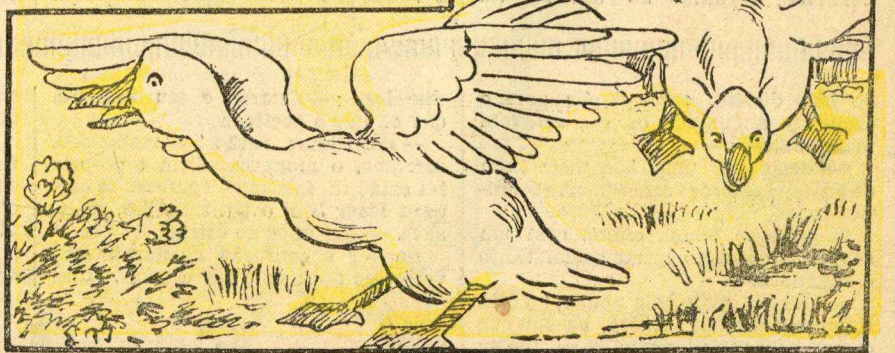


bichos são tão difíceis de governar como os homens!»

Divertidíssimo com o caso, ria a bom rir, e tanto que nem deu pela volta do rapaz. Esse é que não riu e ao reparar que os seus gansos tinham desaparecido, deixou cair o livro que trazia nas mãos, desapontado e aflito.

— «Eu bem dizia que vocemecê não era capaz de mos guardar!» — lamentou-se êle, numa voz chorosa. — «Que hei-de eu fazer, agora?... Não tenho só de pagar os estragos; tenho que juntar os gansos e sózinho não posso! Trate de me ajudar, ande!»

Lá explicou ao rei como devia agitar os braços para espantar os animais e pô-lo



# REFERÊNCIA AUXILIAR

Reedificado em 1160 por D. Gualdim Pais, mestre dos templários, segundo uma inscrição feita sobre a porta do castelo, ergue-se este numa pequena ilhota do Tejo, próximo da foz do rio Zézere. Julga-se ter sido fundado por romanos ou lusitanos.

Em 1170, Gualdim Pais deu foral aos seus povoadores, julgando-se, por conseguinte, haver povoação permanente, e com termo próprio, em uma ou nas duas margens do rio.

A oeste, tem quatro torres circulares a distâncias iguais; a leste mais cinco e, a par da de menagem, que se vê ao centro, eleva-se outra torre quadrada. Tinha uma grande abóbada, com interessantes laçarias que se têm desmoronado.

Sobre o castelo contam-se curiosas e inverosímeis lendas cavalleirescas. Encontra-se, actualmente, na posse da Escola Prática de Engenharia.

## ATENÇÃO

Terminando, com o presente número, a série das gravuras que constituem o Concurso de palácios e monumentos de Portugal, damos a conhecer os prémios que iremos distribuir, os quais são constituídos por interessantes livros infantis profusamente ilustrados:

*Para as cadernetas mais artísticas.*

1.º prémio: — Uma colecção de 3 livros.

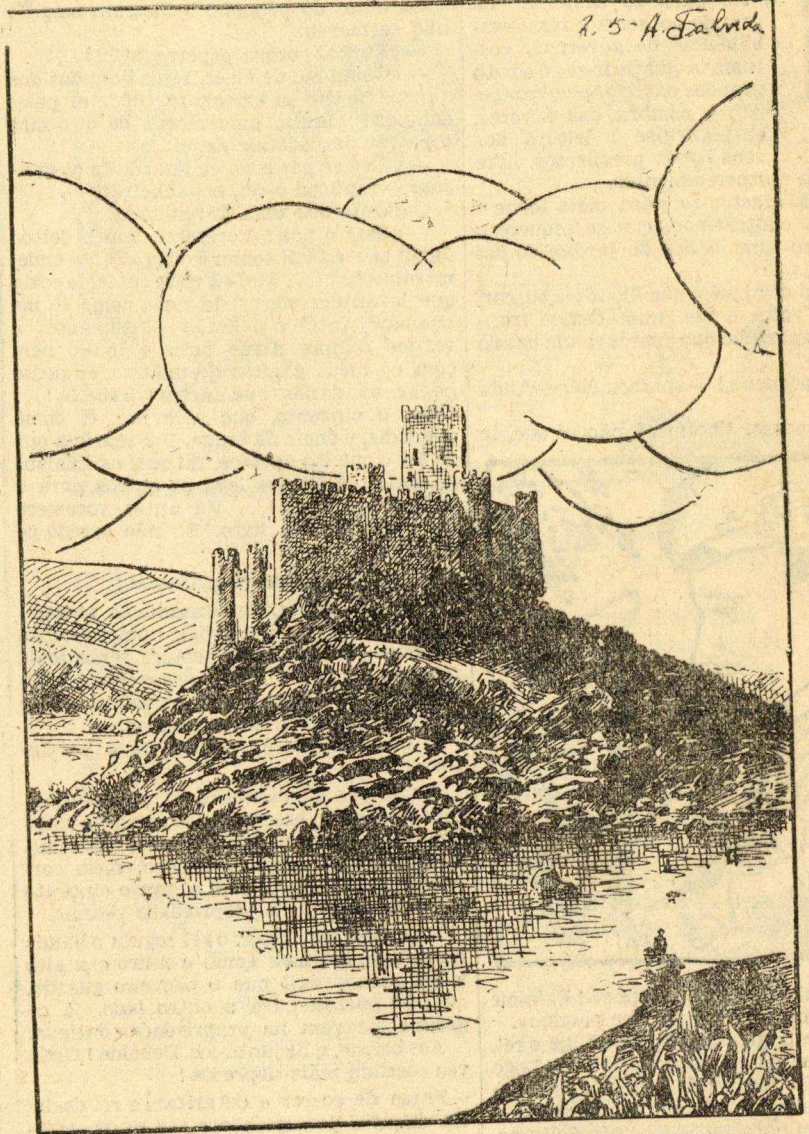
2.º prémio: — Dois livros.

3.º prémio: — Um livro.

Além destes será atribuído mais um livro a cada um dos três atingidos pelo sorteio, entre os que tiverem acertado.

Os signatários de cadernetas artísticas, premiadas ou classificadas com *Menção Honrosa*, têm direito à publicação da fotografia na *Galeria de Honra*, a esse fim destinada.

O prazo para a entrega das cadernetas, termina no dia 20 de



Março, devendo ser endereçadas à redacção deste suplemento, com a indicação: *Concurso dos Palácios e Monumentos.*

do lado direito, correndo êle para o esquerdo, a enxotar os que estavam mais longe.

Só depois de uma boa meia hora de grandes esforços conseguiram reuni-los todos.

O pequeno olhou, então, com um soberano desprezo quem assim tanto o enganára.

— «Nunca mais caio noutra! Vá lá a gente fiar-se!... Agora, mesmo que o rei me viesse pedir para tomar conta dos meus gansos, eu responda-

-lhe logo: — Guarde o seu dinheiro, que eu não o aceito!»

— «E tinhas razão! — respondeu, sorrindo, o monarca. Com o próprio rei estás tu falando e confesso-te que, para fazer bem o teu trabalho, precisava de dar anos ao officio».

Ao ver a confusão do garoto que, vermelho até à raiz dos cabelos, quasi

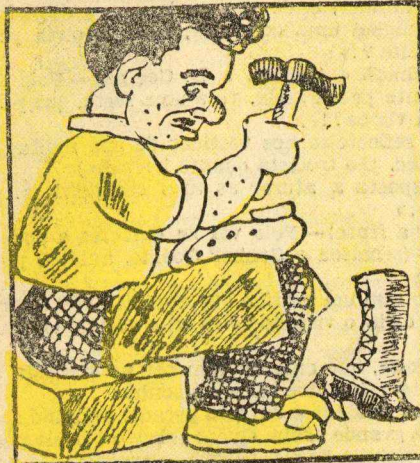
chorava de aflicção, o rei rematou bondosamente:

— «Não me queiras mal, pequeno. Eu fiz o que pude. Toma lá dez moedas de ouro para te indemnizar de todos os desastres succedidos. Continua a servir, assim, tão bem, o teu patrão, que eu nunca mais me atreverei a guardar os teus gansos, descansa!»



# CADA QUAL NO SEU LUGAR

Por ARGENTINITA



Sapateiro Zé Baeta,  
Cansado de bater sola,  
Pensou, um dia, o pateta,  
Transformar-se em mestre-escola.



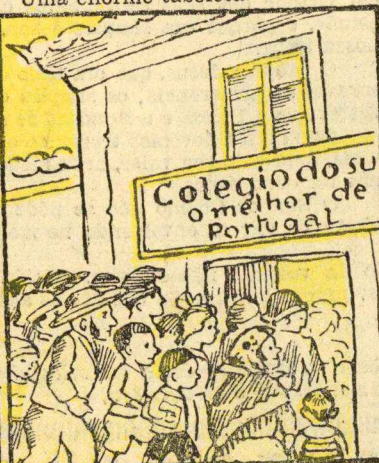
— «Rica ideia, seu Baeta!...»  
Diz êle, a cantarolar,  
Indo à janela pregar  
Uma enorme taboleta.



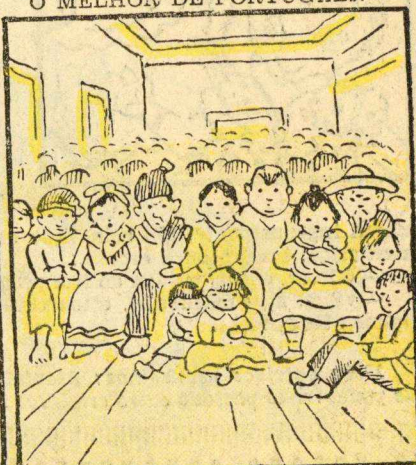
Que ostentava, mui taful,  
Em letrá bem garrafal:  
«GRANDE COLEGIO DO SUL,  
O MELHOR DE PORTUGAL».



«Zé Povinho», jubilou  
Com a nova de mão cheia,  
E, bem célere, voou  
Dum ponto ao outro da aldeia.



Dentro de breves instantes,  
Entram p'ra lá, de roldão,  
Tanto adultos como infantes  
Em busca da instrução.



Depois de todos sentados,  
— Em bancos, e até no chão —  
Diz o «mestre»: — «Pio! Calados!  
Vai começar a lição!...»



E aos alunos, que nem mesmo  
Sabiam ler e contar,  
Pôs-se, então, a eito e a esmo,  
Só tolices a explicar.



Alguns tempos decorridos,  
O povinho lá da aldeia,  
Vendo como era iludido,  
Deu tão valente tareia

No pobre do mestre-escola,  
Que ficou «lucas» — coitado! —  
E gemeu: — «Volto p'rá sola...  
P'rá arte que fui talhado!...



Este contoquinho afaz-se  
A um conceito profundo:  
Cada um, cá neste mundo,  
Cumpra a missão p'ra que nasce!...